

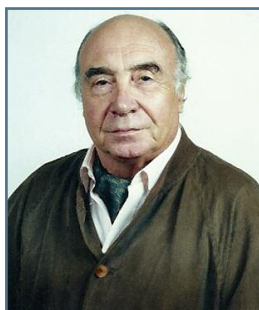
Manuel Meirinho, o Homem que foi necessário Manuel Meirinho, the most needed man

Luís Mendes da Graça*

Aos 77 anos, após arrastada doença, morreu Manuel Meirinho, o «Professor Meirinho» como por todos era merecidamente conhecido, ou «o Chefe», como eu e mais uns poucos sempre lhe chamámos. Este último epíteto era o que melhor lhe assentava, pois a sua efectiva capacidade de liderança dos diversos grupos que o acompanharam ao longo da carreira foi sempre incontestável e só raramente posta em causa.

Manuel Meirinho era dotado de personalidade muito peculiar, por vezes controversa, muitas vezes desconcertante, mesmo para os que pensavam que o conheciam bem. Contudo, o seu espírito sempre se orientou para o avanço do conhecimento médico, para a ligação, que denodadamente defendeu, entre a ciência de base e a sua aplicação à clínica, e para a implementação de novas metodologias de diagnóstico e terapêutica da patologia materna e fetal, que ele foi sempre dos primeiros a conhecer. A Manuel Meirinho devemos a introdução em Portugal, no início dos anos 1970, das tecnologias que, no mundo cientificamente mais avançado, davam os seus primeiros passos na área da Medicina Materno-Fetal: foi ele que induziu o Prof. António de Castro Caldas a propor à Fundação Gulbenkian o apoio financeiro para a aquisição dos equipamentos indispensáveis para, como ele dizia, «transformar a arte toxicológica em ciência obstétrica». E assim, chegaram a Portugal e ao Hospital de Santa Maria o primeiro ecógrafo para uso obstétrico-ginecológico, o primeiro cardiocógrafa, o primeiro «pHmeter», o primeiro amniocópio, que entraram imediatamente em uso, maugrado as reticências e resistências dos costumeiros «velhos do Restelo».

A passagem de Manuel Meirinho pelo laboratório do Prof. Palla, em Roma, foi decisiva para preencher um dos vectores profissionais que ele mais acarinhava: o estudo da gonadotrofina coriônica humana, a «grande desconhecida», como ele a denominava. Desse trabalho de anos resultou a sua tese de doutoramento e a consequente nomeação como professor da Faculdade



de Medicina da Universidade de Lisboa. Mais tarde, já na década de 1980, iria voltar ao laboratório romano onde as suas capacidades de trabalho e de iniciativa, bem como a sua superior qualidade científica, foram sempre altamente apreciadas.

Foi grande e persistente o seu labor em prol da saúde materna e perinatal, bem como da saúde da Mulher em geral e da extensão a todo o país das boas práticas em planeamento familiar, tendo estreitamente colaborado nesta área, durante anos, com o saudoso Dr. Albino Aroso. Manteve sempre relações de amizade e de mútuo respeito pessoal e científico com outros vultos da Obstetrícia e Ginecologia nacionais, entre os quais devo salientar o nome do Prof. Luís Pereira Leite.

A desilusão por não ter sido escolhido pela Faculdade como sucessor do Prof. Castro Caldas fê-lo encarar o desafio que lhe foi feito pelo Dr. Albino Aroso para ir inaugurar e dirigir o serviço de Obstetrícia e Ginecologia do novo Hospital Garcia de Orta. Estruturou uma nova equipa, curiosamente sem elementos do seu «velho» Hospital de Santa Maria, possivelmente para demonstrar o corte radical com a instituição a quem tanto dera e que não lhe retribuía com a gratidão de que se considerava merecedor. Rapidamente a qualidade do novo serviço do hospital de Almada se impôs no panorama nacional, sendo a sua personalidade e a força da sua chefia o cimento aglutinador de um corpo clínico constituído por elementos de tão diferentes origens e com formações tão díspares. Por diversas vicissitudes, a que não terá sido estranha a sua ausência, essa equipa rapidamente se desfez quando Manuel Meirinho se aposentou.

Tendo sido eu o seu primeiro discípulo e colaborador no dia-a-dia, julgo que devo acrescentar algo sobre o modo como sempre o vi: Manuel Meirinho foi o meu «pai profissional», foi ele que me ensinou a prática obs-

*Prof. Catedrático de Obstetrícia e Ginecologia da FM-UL
Director do Departamento de Obstetrícia e Ginecologia, CHLN-HSM

tétrica nas consultas e no bloco de partos, que me ensinou que estudar e manter-me actualizado era um dever inalienável, que me introduziu na investigação clínica e na escrita de artigos científicos, finalmente foi quem me lançou o desafio de prosseguir o trabalho conducente ao doutoramento e à conseqüente carreira académica. Foi ainda ele que promoveu ou incentivou os meus contactos com personalidades marcantes da Obstetrícia e Ginecologia, quer nacionais quer estrangeiras, entre estes o nosso (dele e meu) particular amigo Fernando Arias (com o qual vim, mais tarde, a estagiar em Saint Louis, onde me apresentou Roy Petrie, Roberto Romero, Baha Sibai e alguns outros), José Maria Carrera, Luís Cabero, Estéban Altirriba... A este respeito, o Prof. Meirinho dizia muitas vezes que o que verdadeiramente importava nos congressos e nos simpósios não era o que iríamos ouvir, pois tudo isso vinha nas revistas e nos livros, mas as pessoas com significado científico que tínhamos a oportunidade de conhecer nos corredores. E, dada a minha experiência ulterior, reconheço que ele tinha toda a razão!

Mesmo separados pelo Tejo e pela menor frequência dos contactos, foi sempre um grande prazer para mim (e julgo que também para ele) aproveitar os nossos encontros para conversar sobre as novas tendências da Medicina Materno-Fetal. O meu «Chefe» tinha sempre uma ideia nova, uma interpretação pessoal sobre a evolução das técnicas, uma palavra de incentivo para o que íamos fazendo. Tenho muitas saudades dessas conversas e da pessoa que ele era!

Manuel Meirinho foi uma personalidade ímpar no panorama da Obstetrícia portuguesa. Sem a sua figura, a Medicina Materno-Fetal teria demorado pelo me-

nos mais de uma década a ser implementada em Portugal, pois sem o abrir das mentes que promoveu e de ter «simplesmente» mostrado que éramos tão capazes como os outros, provavelmente aquilo a que ele chamava a Ciência Obstétrica teria estado sujeita durante mais alguns anos à Arte Tocológica a qual, aliás, nunca descuroou. Mas não se esgotaram estritamente dentro das fronteiras da Obstetrícia clínica as ideias abertas ao progresso do Prof. Meirinho: sempre trabalhou para trazer as enfermeiras especialistas para o âmbito da modernidade na assistência à grávida e à condução do parto, pugnou para que se estabelecesse uma ligação directa a outras especialidades médicas (a consulta comum de diabetes na gravidez foi iniciada no HSM, há quase quarenta anos, por ele e pelo Prof. Pedro Eurico Lisboa), lutou pelo direito das parturientes à analgesia no parto, almejou que o laboratório respondesse às necessidades da clínica (promovendo, por exemplo, a implementação da espectrofotometria e da análise dos fosfolípidos no líquido amniótico). Nem sempre conseguiu obter os resultados que queria, muitas vezes divergiu os seus interesses para outras áreas, mas sempre tentou entusiasmar as equipas que chefiava ou que influenciava para prosseguirem o trabalho que ele iniciara.

Manuel Meirinho foi uma grande médico, professor e cientista. Mesmo aqueles que não gostavam da sua personalidade, dada a linearidade com que abordava os assuntos e a frontalidade com que dizia o que pensava, intimamente sempre o admiraram e, talvez, invejaram. Foi este Homem necessário, este Amigo de tantos de nós, que agora nos deixou.